

REALIDADE VIRTUAL E REALIDADE SEXUAL

Carlo Viganò

Psiquiatra e psicanalista radicado em Milão. Membro da Associação Mundial de Psicanálise e da Causa Freudiana de Paris, integrante da Comissão de Saúde Mental da Associação Mundial de Psicanálise.
E-mail: carlo.vigano@fastwebnet.it

Resumo: Parte-se do princípio de que a rede mundial de computadores é constitutiva da realidade social com o objetivo de abordar as variações trazidas pela internet nos comportamentos sexuais dos sujeitos a partir da experiência analítica. Apresenta-se a tese de que a realidade virtual é posta em ato pelo Outro que não existe e que por isso é de uma particular rigidez imaginária na relação do sujeito com o Outro. Aborda-se a questão de como colocar sob transferência um sintoma produzido pelo tipo de alienação que está na base da virtualidade. Propõe-se que o desejo do analista deve operar na forma do saber fazer com a língua, numa tentativa de implicá-la com os efeitos da cadeia significante, para inserir o sujeito no universal do ser que fala.

Palavras-chave: sexualidade; psicanálise; virtualidade; transferência; alienação.

Abstract: Starting from the principle that the World Wide Web constitutes social reality with an aim to approach Internet-induced variations in the sexual behavior of subjects based on analytic experience, it is theorized that virtual reality is undertaken by the nonexistent Other. Accordingly, it is of a particular imaginary strictness in the subject-Other relationship. The issue of how to transfer a symptom that is produced by the type of alienation acting as the basis for virtuality is approached. It is suggested that the psychoanalyst's desire must operate as a linguistic know-how in an effort to engage language with the signifying chain's effects in order to insert the subject into the talking being's universe.

Keywords: sexuality; psychoanalysis; virtuality; transference; alienation.

O advento da internet contribuiu potencialmente para fazer da assim dita realidade virtual um elemento constitutivo da realidade social. Isso nos permite submeter as variações trazidas por ela aos comportamentos sexuais ao exame da experiência psicanalítica e, por isso de fazer dela um caso particular pelo impacto da psicanálise

com o social. A minha tese será a de que a realidade virtual seja posta em ato pelo Outro que não existe e que por isso é de uma particular rigidez imaginária na relação do sujeito com o Outro. Em primeira aproximação, podemos colocar a realidade virtual fazendo referência ao plano ótico, no espaço virtual onde o sujeito se apropria do corpo introjetando nele a imagem graças ao espelho plano, no jogo e na relação com o semelhante. É aquilo que Lacan define, precisamente, como o espaço da realidade. Na construção do esquema ótico, que é espacial e não topológico, a imagem que se forma ali é aquela do eu ideal, imagem virtual segundo a física da refração ótica.

A variante introduzida pelo jogo telemático, onde o virtual não é produzido pela refração dos olhares, mas pelo artifício da imagem digital e que tem relevância clínica, resguarda aquilo que produz o ponto de vista do Ideal do eu quando se dirige sobre o eu ideal, $i'(a)$, que é formado com essa mediação digital. O Ideal é o ponto de vista sobre o eu que o sujeito supõe no lugar do Outro (identificação imaginária) e é aquilo que a manobra de transferência mira fazendo mudar a direção posição até dissolver essa identificação. Para a formação da imagem no virtual informático, porém, pode acontecer que o lugar do Ideal do eu seja precisamente enrijecido, holofrasizado e que não interogue a imagem narcísica através do véu do fantasma. O ideal vem a coincidir com uma imagem ideal, com o supereu social veiculado pela substituição do espelho plano com o esquema digital. Ideal e supereu coincidem para o bloqueio das passagens de discurso geradas pelo pseudodiscurso gerado pelo “deslizamento de sentido” que é criado entre o eu ideal e o Ideal do eu. De fato, a imagem não se forma a partir da imagem do espelho, introjetada através do espelho plano (na relação com o semelhante), mas se forma autonomamente no espelho, quando esse não é outro que um esquema – computador ou TV. O objeto não se forma ali como projeção ideal sobre o véu do fantasma, mas se produz como objeto artificial, objeto de consumo. Não só na raiz não existe o impacto com o próprio semelhante, o jogo e a repetição, mas, pelo contrário, essa nova modalidade do virtual digital se presta a ser usada propriamente para evitá-lo e com isso a experiência da angústia.

Veremos como a precariedade de um sintoma assim formado, função de gozo ligada na consistência “artificial” de uma letra garantida pelo mercado, pode constituir um fácil acesso à transferência, sob a forma de um semblante de objeto que põe remédio a uma contingência que faça desmoronar aquela consistência. Neste ponto está o “saber fazer” do analista, não se prender ao “sujeito suposto saber” e inventar uma via que leve a fazer o sujeito jogar com o duplo sentido daquelas letras.

Um notável divulgador de formação analítica, Pasini (2009), sustenta no seu último livro que, certamente, a internet facilita a socialização, entretanto introduz na sexualidade um componente de maior “extimidade”. Ele usa esse neologismo, que crer ter inventado, como negativo, para significar a perda da intimidade como valor central da vida sexual. Para Lacan, ao contrário, é propriamente a estrutura que funda a sexualidade humana. Pega novamente a castração freudiana, para a qual o falo não é outro que traça sobre um véu que cobre o nada da impossibilidade da relação sexual e faz de eixo portador de toda intimidade sexual. É a heterossexualidade de um sexo que é sempre Outro, porque coloca em continuidade aquilo que é externo ao corpo, o simbólico, com o que ele tem de mais interno, o real do sujeito. Por isso a incidência do artifício virtual sobre a experiência é aquela de conservar o organismo fora do impacto com o significante fálico, como corpo não libidizado (segundo o esquema que Miller nos propôs para o fenômeno psicossomático). Ver-se-ia, assim, a produzir um organismo que fica fora da escolha forçada da linguagem (alienação), para a qual a relação sexual torna-se possível e, sobretudo, onde a sexualidade não é mais indispensável para a reprodução da espécie (da mitótica à miótica, para clonagem).

No fundo, é a mesma possibilidade que o capitalismo contemporâneo tem aberto em nível das finanças, quando transforma o dinheiro da medida simbólica da riqueza, o “pagarei” do cambial, em objeto que se pode comprar a sua volta. E a perversão da eternização do débito, isto é, da sua colocação fora do real do tempo, além da morte. Na nossa álgebra, seria o fazer coincidir (a) e ϕ e por isso o sujeito e o Outro.

O virtual, por isso, não se opõe tanto à realidade empírica, para substituí-la com aquela que se torna possível pelo formalismo científico, mas a realidade psíquica, no sentido de impedir nela a formação substituindo ao sonho pela letargia hipnótica. Só o psicanalista tem condição de demonstrá-lo, na sua prática com a transferência. Esta é a condição, como diz Lacan (1960-61/1992) na última parte do Seminário VIII, de evitar “o deslizamento de sentido” entre eu ideal e ideal do eu, para colocar a própria ação a partir do lugar do Ideal do eu. A experiência da análise nos mostra que a realidade não é virtual, é uma formação do inconsciente, que Freud (1900[1899]/1987) coloca entre a percepção e a consciência. E a realidade sexual que não é virtual, mas real, é aquele impossível que determina os efeitos de verdade da palavra. O nosso é um saber relativo à impossibilidade de dizer toda a verdade, que o lugar do psicanalista põe em ato como realidade sexual do inconsciente na transferência. Devemos por isso utilizar o conceito psicanalítico de transferência como pedra de toque para daí

compreender os efeitos que a realidade virtual está tendo sobre a realidade sexual. Em particular, interessei-me por uma realização de realidade virtual colocada no mercado *on line* em 2003, *Second life* é de um fenômeno social, que começa a ser considerado como “distúrbio de personalidade”-Hikikomori, uma forma de autorreclusão, um retiro social que no Japão envolve mais de um milhão de jovens, a maior parte do sexo masculino.

Devemos partir do fato que, para o sujeito, a realidade através da janela do fantasma é a realidade psíquica, que Freud (1937/1996) sempre manteve distinta da “realidade externa” aquela observada pelos instrumentos científicos. Para o ser falante, a realidade é uma criação, que no desencadeamento psicótico realmente é perdida, tanto que pede ao sujeito uma reconstrução pelo delírio. Em síntese, a realidade é uma formação do inconsciente. É o que explica a literatura, a arte, o jogo infantil, enfim o que Freud¹ sintetizou como Outra cena, o Outro da linguagem, como disse Lacan, que no surrealismo encontrou seu ponto de partida. O inconsciente estruturado como uma linguagem é o operador da construção da realidade, operação topológica (a- esfera) da qual a metáfora paterna e a transferência são as duas faces. Por isso o curto-circuito da realidade virtual pode agir em dois níveis: aquele da solução subjetiva, o *sinthomo*, e aquele da cultura, do discurso, o inconsciente recalcado sempre mais no real, torna-se substância de gozo.

É claro a esse ponto que hoje se abre um campo de pesquisa clínica, a partir das transformações da linguagem e a responsabilidade do analista é a de produzir o terreno de cultivo para esta pesquisa clínica, aquilo que Milner (1996) chama de o universal difícil, que é fundado sobre as diferenças, onde o tipo clínico não é definido pelos critérios comuns aos casos, mas pelo fato de explicar casos entre seus diferente. Em outros termos, o psicanalista, não está interessado em criar novos tipos clínicos, a exemplo a síndrome da dependência da internet, mas a como colocar sob transferência um sintoma produzido por essa forma de alienação e por isso a topologia do Outro que está na base dessa virtualidade. Por exemplo, deverá saber o que fazer com a posição do sujeito na transferência mediática: existe diferença entre o Outro em jogo na S_1 e no *Facebook*. O primeiro é totalmente comercial, estilo cadeia de S. Antônio, entretanto o segundo pode ser um instrumento de vínculo social, de discurso

1 “Nella sua Psicofisica, il grande Fechner...esprime la supposizione che la scena dei sogni sia diversa da quella della vita rappresentativa vigile” (FREUD, 1967, p. 489).

com o resto. O psicanalista produz essa diferença, que é feita pela libra de carne do shakespeariano Mercador de Veneza. “O jogo puramente comercial se põe como uma via alternativa, hoje se diria “preventiva”, no estilo “saúde mental”, com respeito àquele estado de prematuração no qual se encontra o pequeno do homem e que Lacan remete ao princípio do estádio do espelho. Se a experiência do espelho leva o sujeito a encontrar o corpo no espaço virtual como eu ideal, i(a)’, toda essa fileira poderá vir economizada na medida na qual andarei a moldar o vaso do meu corpo em um espaço virtual pré-formado pelo artifício tecnológico no qual entro em pagamento, sem extrair a libra de carne do meu corpo. Se o esquema do meu computador substitui o olhar da mãe, a imagem que entra no jogo infantil não será o eu ideal, mas o avatar, isto é, um duplo com o qual não existe identificação possível porque se trata, como se indica o próprio termo, de uma reencarnação. Gera-se, dessa maneira, uma prevenção do trabalho do desejo e da angústia descritas no Seminário X (LACAN, 1962-63/2005), o artifice do escravo do objeto não é mais o sinal da angústia e a resposta de cessão (para levar), mas o mercado que o fornece rápido a prótese (para colocar), não é a via porque o eu se assujeita murcho, mas aquela de produzir o seu próprio duplo, o avatar.

Second life é um ambiente eletrônico tridimensional (e aqui reside a resistência oposta à bidimensionalidade da a- esfera), adquirível, persistente, aberto e altamente configurável. Isso responde à necessidade de “criar uma simulação digital do mundo”. Trata-se de um espaço indubitavelmente criativo, é de livre acesso e fortemente colaborativo. O programa é aberto (diferentemente daqueles que nós usamos comumente, tipo Office) e o ato de nascimento do sujeito consiste no modificá-lo. Na América, existe uma corrente de pensamento que se inspira nessa manipulação de programas abertos: *l’open source*. A permanência depois obedece a uma regra de tipo capitalístico. Atualmente, em 24h vêm escambos para o equivalente de quase um milhão de dólares. Desses escambos, quase um terço são de natureza sexual, que vão da aquisição de genitais a atividades sexuais a pagamento (prostituição).

Os residentes são hoje 3.400.000 e passam em média um terço do seu tempo na *Second life*, alguns ficam ali o tempo todo. Numerosos enfim são os objetos criados em *Second life* e vendáveis ao externo (escritos, vídeo, música, mas também cursos, simulações com fim terapêutico para Síndrome de Asperger, alucinação, etc.). A sua complexidade a torna também muito seletiva, tanto que a maior parte dos visitantes não retorna depois da primeira visita.

Para interrogar a vida sexual da S_1 tenhamos presente a topologia dos discursos, onde a transferência vem definida por Lacan como uma “passagem de discurso”, acordamos aqui que é neste ponto que a “prevenção” eletrônica segue uma via diferente. A passagem ao S_1 não é de fato uma mudança de discurso, mas é aquela que naquela ocasião (LACAN, 1969-70/1992) ele define como uma mutação do discurso do mestre, que é o sujeito do inconsciente. Ora, a mutação é uma mudança que compara ao imprevisto e se transmite depois por via hereditária. Neste caso, trata-se de uma inversão dos lugares, entre S_1 e $S/$, em ruptura com o modo transferencial da passagem de discurso ou a rotação de um quarto de giro.

Observamos, portanto, que os deslocamentos do acento na orientação da vida social de I a a não levam a variações sexuais, mas infelizmente ao vir menos da inscrição inconsciente da diferença sexual. Essa faz séquito ao vir menos da convicção freudiana de uma anatomia como destino. Hoje o psicanalista fica todavia parado no considerar o dizer como aquilo que permite ao homem suprir a página branca da relação sexual. Assim nós lemos a afirmação de Lacan: “Um corte no simbólico é do todo preferível para o inconsciente” (LACAN, 1977, p. 15). É o corte sobre a esfera que gera as superfícies a -esféricas com as quais ele mostrou a lógica de uma clínica do objeto. Hoje essa constitui a única alternativa à prática social da saúde mental, isto é na ilusão de poder prevenir os efeitos da não- relação sexual. Em outros termos, a sexualidade da *Second Life* constitui o paradigma do sintoma contemporâneo, sempre na balança entre o ser doente ou tratamento preventivo. Devemos, porém, saber que isso poderá encontrar o psicanalista no momento da contingência na qual a solução não funciona mais. É o momento do despertar, não da pulsão sexual, mas do sujeito que se desperta do virtual que até então permitia continuar a sonhar ou a jogar. Quando um buraco se produz no imaginário da latência sexual de uma criança generalizada. Com toda a dramaticidade do buraco no imaginário, que é aquele do *Unheimlichkeit* freudiano. Pode-se dizer que se trata do mito do *Re-naitre*, aquele de nascer fora do tempo, no eterno do progresso sem limites ou à sexualidade sem o impossível a dizer-se da relação que a sustenta, justamente a relação entre os sexos. Por isto a reclusão dos Hikikomori aparece como a versão mais francamente patológica, onde o desafio não parece à atração para o virtual. Isso parece ser mais uma maneira para preencher, que é a de um protesto, de um refúgio ante a sociedade sem pais. O sentimento prevalente pareceria ser o da

vergonha, que pega o lugar da angústia e do sentimento de culpa. Quando se está menos preso no discurso, o sujeito tende à regular-se em cima de um modelo, em cima de uma imagem que é da ordem do possível, é uma imagem da relação sexual.

Isso não tolhe que o sintoma contemporâneo possa vir a ser colocado sob transferência, isso entra na tática da transferência para abrir à decisão estratégica do tratamento: como a realidade sexual virá colocada em ato na transferência. O diagnóstico se põe aqui entre uma holofrase de posição (as versões do pai que podem levar a uma nomeação do sujeito) e uma de estrutura (a psicose, onde o sintoma poderá se estabilizar com suplência). O desejo do analista toma a forma do “saber fazer” com a língua, até enganchá-la com os efeitos da cadeia significante, para inserir o sujeito no universal difícil do ser que fala e subtraí-lo daquele muito fácil da estatística.

Tradução: Roseli Cordeiro Pereira

Referências

- FREUD, Sigmund (1900[1899]/1987). A interpretação de sonhos. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, vols. IV-V.
- LACAN, Jacques (1960-1961/1992) *O Seminário 8: a transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____ (1962-1963/2005). *O Seminário 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____ (1969-1970/1992). *O Seminário 17: O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____ (1977). *Le Seminaire Livre XXIV. Ornicar?* n. 12-13, Navarin: Paris.
- MILNER, Jean Claude (1996). *A obra clara*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- PASINI, Willy (2009). *La riscoperta dell'intimità*. Milão: Mondadori.

Recebido em 15/10/2009; Aprovado em 10/12/2009.